

VITORIA OU MORTE



Orgão de Informação e Combate do M. P. L. A.

B. P. 2353

BRAZZAVILLE

TEL. 38-89

NÚMERO ESPECIAL DO 4 DE FEVEREIRO 1967

A

0 4 de FEVEREIRO

V

I

T

Ó

R

I

A

É

C

E

R

T

A

Os patriotas angolanos e os amigos da luta do Povo Angolano, comemoraram por toda a parte o sexto aniversário do começo da luta armada de libertação nacional e ao mesmo tempo, o décimo aniversário da fundação do Movimento Popular de Libertação de Angola, a organização de vanguarda do POVO ANGOLANO em luta contra a dominação colonial e pela libertação nacional.

Nas matas, nas savanas, passando pelas sanzalas mais esquecidas, pelas aldeias, vilas e cidades, pelas fábricas, pelas escolas, por todos os lugares de trabalho, pelas igrejas e pelos santuários, jovens, mulheres e crianças, velhos, em ANGOLA, nessa Angola martirizada por seis anos de luta sangrenta contra a opressão e pela libertação nacional, todos comemoraram, cada um da forma que lhe foi possível, o dia em que alguns patriotas, membros do MPLA, assaltaram as cadeias de Luanda, num gesto heróico, chama que foi levantar todo o POVO ANGOLANO, levando-o a dizer de uma vez para sempre à opressão e ao colonialismo português: BASTA. VITÓRIA OU MORTE!

E TODOS DISSEMOS:

BASTA DE SERMOS OPRIMIDOS !

BASTA DE SERMOS DIRIGIDOS POR ESTRANGEIROS !

BASTA DE SERMOS ESCRAVOS !

BASTA DE SERMOS ROUBADOS !

BASTA ! BASTA !

COM AS ARMAS ACABAR COM A EXPLORAÇÃO !

COM AS ARMAS EXPULSAR O COLONIALISTA !

VITORIA OU MORTE ! A VITORIA É CERTA !

1967 ANO DA GENERALIZAÇÃO DA LUTA ARMADA

1967 é o ano da generalização da luta armada de libertação do povo angolano sob a direcção do Movimento Popular de Libertação de Angola, o MPLA.

Hoje já ninguém põe em dúvida a intensidade da luta no interior de Angola, sob a direcção do MPLA. O próprio governo português é hoje já incapaz de esconder à opinião pública do seu país e opinião pública internacional, os êxitos sucessivos que as forças nacionalistas vêm alcançando sobre as forças coloniais. Citemos alguns factos:

1 — A 12 de setembro do ano findo o Ministro da Defesa de Portugal, General Gomes de Araújo, confirmou a existência de uma nova frente de luta em Angola, situada na região leste e que fora aberta pelos guerrilheiros do MPLA.

2 — O correspondente do jornal Le Monde em Lisboa dizia num artigo publicado a 12-12-66 naquele jornal: "A extensão das operações militares em Angola preocupa a opinião e os meios políticos portugueses". O mesmo jornal dizia também que a duração do serviço militar obrigatório em Portugal, passou de 2 para 4 anos e que a continuação de guerra colonial acarretava enormes dificuldades financeiras para Portugal.

3 — O orçamento do governo português prevê para 1967 despesas militares no valor de 5 bilhões e 347 milhões de escudos (5.347.5347.000.000 de escudos) o que equivale a um aumento de 3 por cento em relação ao mesmo orçamento em 1966.

4 — Anuncia ainda o jornal "Le Monde", citando fontes bem informadas de Portugal que o efectivo das forças portuguesas em Angola, aumentou bastante



Uma bomba lançada por um avião inimigo é despoletada pelos nossos guerrilheiros em Nambuanguo.

te nestas últimas semanas em razão do envio massivo de tropas para aquele território levado a cabo pelo governo português, a fim de tentar resistir à intensificação da guerrilha que agora se estende ao sul do País. Diz ainda o mesmo jornal que o efectivo das tropas portuguesas estacionadas em Angola representa 50 por cento do efectivo total das forças portuguesas estacionadas nas quatro colónias portuguesas (Guiné e Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Moçambique e Angola).

5 — Em fins de 1966 registaram-se várias revoltas de soldados portugueses das guarnições do sul de Angola, o mais importante do qual se deu em Nova Lisboa, 2a. cidade em importância de Angola.

Estes factos são suficientes por si só para mostrar até que ponto está abalada em Angola a dominação colonial portuguesa. Para tentar remediar os desgastes, o governo português recorre sem resultado às tradicionais medidas de repressão em massa dos patriotas angolanos. Assim é que milhares de patriotas angolanos, a maior parte dos quais membros do MPLA, foram parar às masmorras dos colonialistas onde diariamente são torturados pelos carrascos da PIDE, polícia secreta portuguesa.

O colonialismo português não age no entanto sozinho, no seu esforço para tentar sufocar a nossa luta. Ele conta sempre com a ajuda pronta e preciosa dos seus aliados da OTAN cuja actividade se desenrola desde o início da acção armada dos patriotas angolanos em 4 de

(Conclui na pá. 3)

Compatriotas
Camaradas,

Ao voltarmos mais uma página do calendário, é nosso dever exprimir o orgulho e satisfação pelo balanço positivo obtido no ano de 1966 pela organização de vanguarda do povo angolano, o Movimento Popular da Libertação de Angola.

Se não fora a repressão violenta que nos últimos meses do ano se exerceu contra os nossos camaradas, militantes do MPLA, no território do Congo-Kinshasa, poderíamos considerar encontrado o ritmo desejável na evolução da nossa luta de libertação. No entanto, encarcerados esses patriotas dedicados, novas dúvidas e novas limitações se levantam, em virtude da passividade do Governo da Kinshasa face às arbitrariedades, violências e ameaças sofridas pelos nossos militantes, cujo único crime é dedicarem as suas vidas à tarefa gloriosa da libertação da pátria. Entre esses militantes dedicados e honrosos é justo salien-

MENSAGEM DO NOSSO PRESIDENTE CAMARADA AGOSTINHO NETO POR OCASIAO DO COMEÇO DO ANO

decisivos na realização dos seus objectivos fundamentais. Graças à coragem e dedicação dos seus militantes, graças ao esforço de mobilização e de organização desde o cimo à base do nosso movimento, alcançamos uma vitória extraordinária ao alargar a acção armada para o sul angolano. A abertura da frente leste alterou profundamente o panorama da luta em Angola, mostrando a via acertada a seguir pelo nosso povo naquela região e hoje, pode dizer-se que o exemplo dado pelos os militantes do MPLA, tal como em 4 de fevereiro de 1961, começa a incendiar a savana.

Com efeito, executando a sua responsabilidade no plano nacional, o

Cabinda, Cuanza-Norte e Moçico. 1966 marca assim o início da generalização que será um facto em 1967. Porquanto, o nosso povo está pronto para participar na luta armada.

O inimigo perturbou-se enormemente e foi de forma apressada que concentrou tropas na região por ele ou denominada Zona de Intervenção Leste, que tem o seu centro na cidade do Luso. Como tentativa de intimidação, fez incursões em território zambiano.

O resultado da alteração do equilíbrio que o inimigo conseguiu manter enquanto lutava apenas nas frentes do norte, é evidenciado por reacções e encontra expressões diferentes em certas manifestações do



O nosso Presidente camarada Agostinho Neto rodeado de alguns pioneiros.

tar o nome do nosso companheiro de luta, o comandante João Gonçalves Bénédicto, dirigente destacado do MPLA combatente corajoso desde as primeiras horas da nossa revolução, encarcerado pelos reaccionários ao serviço do imperialismo.

A todos eles a nossa solidariedade completa e a certeza de que todos os inimigos serão vencidos pelo nosso povo, além da que hoje, em actos de desespero aparentem uma força que já não possuem. A liberdade por que combatemos será conquistada.

Se fomos capazes de excluir este facto grave que teria necessariamente as suas repercussões o MPLA pode rezoijar-se por ter dado durante 1966 passo

MPLA lança as bases reais para o advento de uma nação livre, unida, orientada para o progresso, ao unir na mesma combate todos os elementos do nosso povo. O Movimento Popular da Libertação de Angola é a única organização nacionalista que neste momento funciona realmente no território angolano — é preciso reafirmá-lo, na confusão lançada pela multiplicidade de organizações nacionalistas formadas sobre bases tribais no exterior do país. O MPLA nasceu e existe dentro do Angola e é a única organização que dirige uma acção armada no interior do país com a participação efectiva da massa popular de todas as regiões e esta acção armista propaga-se sucessivamente nas três frentes do MPLA.

povo português e do imperialismo violou que assim, as regras do convívio internacional, para perseguir e atacar os refugiados angolanos naquele território; e aumentam a repressão policial e militar no Moçico. Repletando o seu procedimento habitual, prendem e assassinam muitos dos nossos compatriotas, incendiam aldeias inteiras, deslocam populações para áreas estratégicas, afim de as vigiar e evitar a sua participação na luta; abatem gado pertencente ao povo para retirar a esta capacidade material de contribuir para a guerrilha. Todos estes crimes, que aumentam o ódio do povo contra os imperialistas revelam a desorientação em que o inimigo se encontra, ante a possibilidade de generalização da luta.

Mas há ainda outros factos que ilustram esta desorientação causada pelo alargamento da luta armada sob a direcção do MPLA, cujos objectivos e conteúdo político são claros e bem definidos. Angola vive um clima de Mobilização geral. Os colonos são armados e organizados em milícias tal como em 1961; o período de prestação do serviço militar é prolongado para 4 anos e o orçamento português inscreve 42 por cento do seu total para as despesas com a guerra colonial. Mais de 6 mil milhões de escudos!

O inimigo procura ainda, noutro plano, desmobilizar pela corrupção e fazendo concessões em alguns aspectos das reivindicações do nosso povo. Não há dúvida que a certos sectores da nossa população são concedidas melhores condições de vida, sem contudo, se modificar a base material em que vive a grande maioria.

O povo português, a pesar da educação colonialista e da coacção que sofre para fazer a guerra colonial em Angola, como em Moçambique e na Guiné, compreende o crime histórico que se pratica e em certos casos, resiste a essa guerra. O povo português compreende que Angola não é portuguesa, compreende que é angolana, dos angolanos e para os angolanos.

Em Portugal, segundo verificação da Oposição Democrática portuguesa, aumenta o movimento de deserção de soldados. Inúmeros jovens preferem sair do país ou correr o risco da prisão para não participar neste crime que é a guerra colonial.

Houve recentemente um movimento de rebelião em Angola.

Mas o governo colonial-fascista português não compreende o interesse dos povos e persiste na sua política chamada de integração.

Como há um pouco mais de um mês, dizia um importante sector da oposição portuguesa em documento endereçado ao Presidente da República, dito o "governo" (colonial-fascista) propõe como solução (ao chamado problema ultra marino), a igualização do homem negro numo pátria comum.

A Oposição Democrática, está avançando na compreensão do problema, mas nem sempre o aborda seus aspectos fundamentais, nem sempre se pronuncia claramente pelo reconhecimento do nosso direito à Independência.

Assim, nós não consideramos totalmente justa a posição do sector oposicionista citado, a propósito do problema colonial.

Porquanto, não basta a convivência fraternal das raças, a criação da cultura, a promoção e o respeito das elites negras, não basta a igualdade de direito e de facto de todas as populações que vivem no ultramar, na aguda responsabilidade civilizadora (sic) que não se compadece com sentimentos de propriedade, ou de direitos aduvidos, falsamente rotulados de patrióticos (fim de citação.)

Não bastá isso nem são esses os aspectos essenciais da reivindicação armada do povo angolano.

Nos combatemos e combateremos pela independência completa. Nós combatemos para que seja reconhecido o direito à soberania para o povo angolano. Isto é o objectivo essencial da nossa luta.

Dando um passo justo e animador, a oposição democrática portuguesa necessita ultrapassar a estreiteza dos seus interesses nacionais para se universalizar, abarcar os interesses comuns e fazê-la coincidir por processo revolucionário com o direito inalienável do povo angolano.

No plano internacional, as reacções do alargamento da nossa luta começam a atingir proporções sensacionais.

As tentativas para levantar cadáveres políticos, a repór o problema da divisão do nacionalismo angolano, estão-se avolumando e elas apresentam os factos os mais audaciosos e enganadores.

Estes últimos dias foram férteis em acontecimentos espectaculares nas zonas situadas perto da linha da fronteira norte e nordeste do nosso país. Rendemos sincera homenagem aos patriotas honestos que se lançaram ao ataque contra os colonialistas portugueses, demonstrando mais uma vez que, mesmo a população refugiada no Congo, está desejosa de lutar para conseguir a Independência e contra o ocupante colonialista.

O MPLA curva-se perante esses heroicos e generosos combatentes, alguns dos quais imortalizados no sangue que derramaram no campo em que as balas inimigas lhes levaram as vidas.

Contudo, a esses compatriotas recomenda o MPLA que não se deixem levar pelo aventurismo daqueles que não se importam de sacrificar vidas preciosas para obter alguns efeitos políticos.

A guerra de libertação nacional que o MPLA iniciou e dirige com firmeza, exige organização, clareza de objectivos, política de acção, e honestidade.

Não será com incitamentos ao tribalismo e à divisão, com apelos à superstição e aos instintos primários e sem claros objectivos políticos que a luta pode desenvolver-se. Deste modo, pode-se dar espectáculo à custa de muitas vidas, pode-se atacar cidades e quartéis mas não haverá resultados; não haverá conquistas. O melhor exemplo disso, o triste acontecimento no início da nossa luta armada no Norte do país, houve a falta de organização e de orientação política justa, conduziu a um fracasso que hoje 5 anos depois, começa a ser remediado pelos guerrilheiros do MPLA.

No entanto, posso garantir-vos camaradas e compatriotas, que a situação é hoje completamente diferente da de 1961.

A nossa resposta às investidas do imperialismo está no interior do nosso país, onde os militantes do MPLA, de armas na mão, estão infligindo golpes sobre golpes aos colonialistas portugueses onde eles es-

tão organizados e politizando o povo.

1967 será o ano da generalização da luta e nem os colonialistas portugueses dentro de Angola ou os outros imperialistas fora do país, poderão enfraquecer ou frenar a nossa acção.

Em 1967 o MPLA afirmar-se-á como o único dirigente da luta e os portugueses colonialistas sentirão mais gravemente o peso da nossa acção.

*

Compatriotas,
Camaradas,

Há um só meio para atingirmos a independência completa do nosso país: alargar, generalizar a luta armada.

Para isso o primeiro aspecto emocional a ser observado pelos militantes é o da politização. É necessário politização. Esclarecer as consciências. Abrir perspectivas. Mostrar os objectivos. Dar coragem.

É preciso que lá onde estiverem, no campo da batalha ou na prisão, no comité ou no destacamento, na cidade ou campo, cada quadro do MPLA dê a maior importância à politização das massas populares.

É preciso explicar, explicar e mais vezes explicar.

É sobre a base política que poderão assentar os sucessos da luta armada e é sobre ela que o progresso da luta se pode proceder.

Em seguir, todos os angolanos esclarecidos e honestos devem participar activamente na luta de libertação. Com qualquer das duas formas de organização que hoje adaptamos, ou a organização clandestina, ou o destacamento de guerrilha. Todos os patriotas sinceros têm o dever de participar nesta luta, organizadamente, disciplinadamente, com austeridade e sofrimento do nosso povo e atingirmos a nossa inevitável independência, dentro em breve.

Compatriotas
Camaradas:

Em 1967, ano da generalização da luta armada dirigida pelo MPLA, concentremos a nossa atenção em dois pontos:

Primeiro: Politização intensa da nossa população:

Participação efectiva na luta de todos os angolanos patriotas e honestos. Politização participativa na luta.

No plano africano, continuamos a assistir um racismo considerável na luta anticolonialista. Apesar da luta armada que se desenvolve na Guiné, em Moçambique e em Angola, a atitude africana é menos activa do que no momento da criação da OUA. Por isso felicitamos o governo do Congo-Kinshasa que toma posição contra Portugal, embora ainda não sejam visíveis as intenções de ajudar o MPLA na solução dos seus problemas legítimos e mesmo, como dizíamos no início, não de ainda a protecção devida aos nossos militantes, no seu território onde são alvo de perseguições de toda a ordem.

(Conclui na 5a. página)

MENSAGEM DE NATAL DO CAMARADA REV. SILVA, VICE - PRESIDENTE DO MPLA

Transmitido na voz de Angola Combatente

Na sua mensagem de Natal de 1966 aos militantes do MPLA, o camarada Reverendo Domingos da Silva disse:

Natal quer dizer NASCER. O Ano Novo implica renovação. A vida é um constante nascer e uma constante renovação em todas as suas manifestações históricas.

O ano de 1967 é o vosso ano de renascimento para novas acções na luta que o colonialismo nos impoz. Um novo ano implica novos deveres.

Nicodemos - príncipe e mestre entre os judeus, desoloso de saber a filosofia da vida, perguntou um dia a Jesus sobre a doutrina de Novo Nascimento: Rabi, como pode um homem nascer, sendo velho? A resposta a esta pergunta abre-nos um capítulo importantíssimo em relação à nossa revolução. Escutemos resposta do filho de Deus: Na verdade te digo que, aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus". Quem não nascer não pode entrar no reino de Deus. O planeta em que nascemos foi distribuído aos homens. E, portanto o seu Reino. Cada povo ou conjunto de Povos, cada tribo ou conjunto de tribos tem o sagrado dever de lutar pela conservação do seu quinhão - chamado Pátria.

Cada povo assiste-lhe o sagrado dever de lutar quando um inimigo no-la apodera ou rouba. Assim também quando nos encontramos fora dela devemos lutar até entrarmos nela.

Está neste caso em jogo o nosso Reino - Angola. Angola faz parte do reino dos céus que os Evangelhos proclamam aos quatro cantos do mundo. Todas as manifestações da vida, todas as riquezas toda a liberdade, todas as revoluções, todas as lutas em legítima defesa, tudo encarna a essência do Reino de Deus em marcha.

Estamos vivendo uma época de múltiplas correntes que nos dividem: — Dum lado encontram-se os que pensam que devemos viver em paz, não importam as condições ainda as más vexatórias, sem esperanças no dia de amanhã, tendo por único alvo o comodismo, o gozo, que se resume em comer, beber, vestir etc. Um porco dizia que não há coisa más bela que comer, beber, chafurdar-se e pôr-se a dormir à sombra duma árvore! Muitos são os que pensam assim.

— De outro lado alinham-se os que querem viver, olhando para as nuvens ou engraxando os sapatos dos colonialistas até que se faça o milagre que nos trará o bem estar e a independência, que virá automaticamente sem necessidade de luta! Estes remam contra a história. São anomalias da civilização e abortos do Reino dos Céus.

— Finalmente há os que pensam que nascemos para ser em vida e acção e luz nas trevas. Que cada um deve brilhar, não importa com

que intensidade. "Sou um sol? Então deixai-me brilhar. "Sou um relâmpago? Deixai-me brilhar também não sendo aos sapos permitido mergulhar na lama do egoísmo para apagarem a minha pequena luz."

Nascemos para oferecer direcções à uma nova geração. Nascemos para desmascarar os postulados duvidosos objectivo sublime, é necessário, absolutamente necessário nascer de novo, quer dizer, divorciar-se com as que estão sendo aceites pelos homens como axiomas eternos! Devemos viver ou morrer por um ideal alto e sublime, o ideal duma Pátria Independente! Para deixarmos esta rotina para entrar num novo campo de acção, e com o facho luminoso na mão, espancar com perseverança o obscurantismo duma era que deve desaparecer, ressuscitando para uma nova vida e uma nova esperança.

O Natal de 1966 é o Ano Novo de 1967 devem imprimir em todos os guerrilheiros, em todos os militantes e simpatizantes da nossa luta, amigos da liberdade, um novo cunho, uma nova compreensão.

Há uma facção que quer servir-se do Cristianismo, inoculando no nosso povo uma Idéia errada em relação à nossa luta pela independência nacional! É necessário que esses escutem o que diz o Mestre Eterno:

"O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para anunciar uma boa nova aos pobres, enviou-me para proclamar a libertação dos cativos, a restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e publicar o ano aceitável do Senhor! E ainda, Josué passeando um dia nas margens do Jericó, topou com um homem que tinha na mão uma espada nua à quem perguntou: És tu dos nossos ou dos nossos adversários? Ao que o homem respondeu: "Sou príncipe do exército do Senhor e acabo de chegar". Então Josué se prostou e o adorou, dando início a guerra de conquista da Terra de Canaan, que Deus lhes havia prometido.

Porque irmão fecharmos os olhos a todas estas verdades a tumultuar através dos séculos? Todos os Angolanos, sem diferença de credos religiosos, devem lutar directa ou indirectamente até independência total da nossa pátria.



Mapa da Frente Leste.

fevereiro de 1961, em duas frentes:

- 1) Apoio diplomático, financeiro e material directamente ao governo de Salazar.
- 2) Conspiração contra o MPLA, apadrinhando e fomentando nos países vizinhos de Angola, a criação e actividade de grupos pseudo-nacionalistas angolanos, com o fim de obstruir a acção directa do MPLA, única organização verdadeiramente empenhada na luta armada contra o colonialismo português no interior de Angola, e também com o fim de criar a confusão no seio dos países irmãos de África, sobre a autenticidade das forças nacionalistas verdadeiramente empenhadas na luta contra o colonialismo português.

Apesar de todas essas manobras imperialistas, apesar da repressão dos colonialistas portugueses, a luta dirigida pelo MPLA progride à passos largos. O MPLA vela pela intensificação da luta armada em todo o território nacional.

Se nós consideramos no entanto que a luta armada é a única via capaz de assegurar ao Povo Angolano a tão desejada vitória sobre o inimigo, também é certo que só um trabalho profundo de mobilização e politização das massas populares poderá assegurar o sucesso das nossas actividades militares.

Esse trabalho de mobilização e politização visa dois objectivos

principais:

- 1) Fazer participar na luta as vastas camadas da população de Angola, não apenas aquelas habitando o campo, mas também aquelas habitando as cidades, como funcionários, estudantes, enfermeiros, professores, etc. Esta participação massiva terá duas vantagens principais: a) o reforço da unidade do nosso povo em luta; b) a resolução de importantes problemas da luta com a participação de quadros habilitados; c) a luta contra o tribalismo e o racismo, duas armas de que se servem os nossos inimigos para dividir e desmobilizar o nosso Povo e afastá-lo assim das directrizes traçadas pela sua organização de vanguarda, o MPLA.

A realização prática destes objectivos comporta, claro está, enormes esforços. Mas nunca, desde o desencadeamento da luta armada a 4 de Fevereiro de 1961, se sentiu em todo o território nacional uma determinação tão grande de lutar e vencer o inimigo. De Cabinda ao Cunene, um novo surto de entusiasmo anima as populações do nosso país. A organização política do MPLA estende-se rapidamente a todo o território nacional, o que nos assegura o controle político do nosso Povo. É ainda possível que os colo-

nialistas portugueses lancem mão de outros meios no sentido de opôr um freio ao desenvolvimento impetuoso da luta armada em Angola. A intervenção directa de forças pertencendo à outra parte de eixo Lisboa - Salisbury - Joanesburgo não é de excluir. Com efeito o regime racista da África do Sul sente-se particularmente ameaçado com a extensão da guerrilha no sul de Angola.

Mas a nossa luta já deu passos gigantescos para que possa ser travada. Um novo ralo de esperança ilumina os corações dos patriotas angolanos que vêm no MPLA a única organização nacionalista angolana capaz de lhe oferecer um quadro de luta dinâmico, disciplinado, obedecendo a objectivos bem definidos e capaz de abarcar as largas camadas de toda a nossa população.

Nas florestas do Mayombe, nas savanas do Moxico, nas estepes do Cuando Cubango, nas paragens do rio Loje, da Huila, do Huambo, do Moçamedes, da Lunda, para já no ar o eco duma Angola libertada, para já nas consciências de todos os patriotas angolanos a convicção de que o MPLA NÃO FALHARÁ e de que a VITÓRIA SERÁ CERTA.

(Conclusão da 3a. página)

(Conclusão da 4a. página)

Resta-me desejar-vos, os melhores sucessos nesta luta grandiosa que marca a fase da transformação qualitativa na história do nosso povo.

Feliz ano novo.

Com a esperança que em 1967 estaremos mais próximos da nossa Independência.

1967 será o ano de generalização da luta.

VITÓRIA OU MORTE

A VITÓRIA É CERTA.

do desenvolvimento enquanto que o comandante da Companhia de Comandos mais atrasado na picada regressou rapidamente ao local da emboscada em viatura e com o pessoal de reforço, iniciando imediatamente uma progressão pela mata. A emboscada durou cerca de um minuto.

Depois das nossas tropas se juntarem no quimbo SUANA MAONGO o qual foi incendiado, a coluna iniciou a marcha em direcção ao rio LUÁTA. A cerca de 300 metros deste a 8o

viatura atascou-se na zona alagadiça da margem direita daquele rio.

Enquanto se procedia á desmanagem desta viatura, o comandante da Companhia mandou abater uma manada de 20 cabeças de gado bovino que se encontrava na margem direita do LUCATA a pastar bem assim como uma outra de 13 cabeças que se encontrava na margem esquerda, para que as mesmas não servissem de fonte de abastecimento ao inimigo.

a seguir no próximo número.

BALANÇO DAS ACTIVIDADES MILITARES DO MPLA DURANTE O ANO DE 1966

Durante o ano de 1966, foram aperfeiçoadas as estruturas militares, na base da experiência já adquirida, e procedeu-se também à formação de quadros à altura das exigências actuais da luta armada.

Na FRENTE DE CABINDA verificou-se um desenvolvimento normal das acções de guerrilha, sobretudo no concelho de Cacongo e na circunscrição de Mayombe. Nesta frente as vitórias mais importantes obtidas pela nossa guerrilha tiveram lugar nas regiões de Massabi, Sanga-Mongo e Sanga-Planície.

Na FRENTE NORTE procedeu-se a um importante reforço em quadros e material de guerra das tradicionais regiões de resistência armada dos distritos de Luanda, Cuanza-Norte, Congo e Zaire. Nesta frente as acções têm-se desenvolvido, especialmente à volta do rio Dange e da grande estrada que liga Luanda ao Uige.

Em Maio foi aberta a importante FRENTE LESTE, que trouxe novas perspectivas à luta armada de libertação nacional e que constituiu em 1966, o maior golpe dado pelos patriotas angolanos e em particular pelo MPLA, à fortaleza colonialista. As actividades nesta Frente têm-se desenvolvido com extrema rapidez, sobretudo nos distritos de Moxico e Cuando-Cubango, o que denota bem a adesão total das populações dessa região ao MPLA. As acções nesta Frente tem-se desenvolvido, sobretudo, à volta de Cazombo, Lumbala, Chlume, Bundas, Sandando e Caminho do Ferro de Benguela.

Durante o ano de 1966 os nossos guerrilheiros realizaram para cima de 2.000 missões.

Foram mortos 1.610 militares portugueses entre soldados, cabos, sargentos e alguns oficiais.

Foram destruídas 6 pontes, 5 lanchas motorizadas, e mais de uma centena de viaturas militares.

Foram atacados 6 quartéis, alguns dos quais ficaram completamente destruídos. Foram abatidos 3 aviões militares.

Recuparam-se ao inimigo, algumas armas, munições, granadas e medicamentos.



Uma bateria anti-aérea do MPLA no desfile do 4 de Fevereiro.

De entre as muitas provas que a nossa Organização possui sobre os processos fascistas e criminosos utilizados pela exército colonialista português na guerra contra o nosso povo publicamos hoje alguns extratos dum documento recuperado a um cabo-miliciano morto pelos nossos guerrilheiros no combate de 11-9-1966 no Leste de Angola. Este importante documento dá também uma ideia das dificuldades que os soldados colonialistas portugueses encontram na luta contra o nosso povo, hoje encabeçado pelo seu movimento de vanguarda, o Movimento Popular de Libertação de Angola, e do progresso dos guerrilheiros da nossa organização.

Éis a transcrição correcta do tal documento, com os erros e as grafias que nele se encontram. No fim do texto são publicadas algumas notas explicativas para que o texto possa ser bem compreendido.

Caderno de pertencente a Rui Pereira Agostinho, do 50.º Ano Turma NOC.

A 1ª Companhia de Comandos, aquartelada no campo militar de grafanil fazendo parte das forças de intervenção da Região Militar de Angola, recebem ordens para se deslocar temporariamente para a ZIL.

Assim, em 090H066*, comutada pelo Capitão de Infantaria comanda Raul Miguel Socorro Polques, e com as dotações completas em material e pessoal (3 subalternos, 19 sargentos e 118 praças) a coluna transportada por 10 veículos e 3 camionetas Mercedes-Benz pôs-se em movimento do seu aquartelamento, com destino à Nova Lisboa.

À saída da companhia encontrava-se o senhor Capitão da Armada Comanda Leal d'Almeida, comandante da companhia de instrução do C.I.C.*

Pelas 06H30 a coluna chegou à Caleta, onde se procedeu a um pequeno alto. A escuridão chegou igualmente a esta Vila o Excmo Comandante do Centro de Instrução da Companhia, Sr. Major Santos e Castro que da Lonada acaba despedir-se da companhia.

Depois da partida verificou-se um alto no Dondo cerca das 12H30 onde se iniciou o reabastecimento

DIÁRIO DUM SOLDADO PORTUGUÊS MORTO EM COMBATE

tecimento das viaturas, o qual demorou cerca de 1 hora. Partida do Dondo pelas 13H30 e chegada a Santa Coimbra às 17H30 onde se efectuou novamente o reabastecimento em combustível. Sem qualquer incidente a coluna deu entrada na ESCOLA MILITAR DE ANGOLA, em Nova Lisboa cerca das 21H30. Depois do pessoal apeado foi nomeado um oficial de dia e um sargento de dia para cada grupo, os quais conduziram aqueles ao refatório daquele estabelecimento militar afim de tomarem uma refeição quente, dado que tinham vindo abonados de uma ração de reserva para cada dois homens. Após esta refeição fomos instalados nas respectivas casernas ou camarotes. DIA 10A6066

Após a 1ª refeição, e logo à chegada do Excmo comandante daquele estabelecimento Militar, Excmo Sr. Coronel Reis Santos, e acumulando o cargo com o da ZIL, os oficiais da companhia foram apresentar-lhe os cumprimentos de chegada.

Depois desta diligência e um contacto com o oficial de transportes do Comando da ZIL, sr. alferes Matos, o comandante da companhia, os comandantes dos grupos de combate a formação, dirigiram-se à estação do Caminho de Ferro de Benguela, onde entraram em contacto com o chefe daquela estação, o qual mostrou o local de embarque das viaturas bem assim duas das 3 carruagens que seriam destinadas ao transporte do pessoal da companhia, uma vez que as outras chegariam no comboio vindo do Lobito naquela dia. Regressados à E.A.M.A. cerca das 10H30, foi determinado que o embarque das viaturas com o material se processaria ainda naquela manhã, sob o comando do comandante da Formação, e que o pessoal poderia sair para a cidade, de devidamente uniformizado. A segunda refeição foi tomada pelas 12H30 e a terceira cerca das 1730.

Conforme foi estabelecido a companhia reuniu novamente às 19H00 para às 20H00, gentilmente adidas pela Unidade, seguiram para a estação de caminho de Ferro, onde se procedeu imediatamente ao embarque dos oficiais, sargentos, 1º e 2º grupos de combate. Os 3º e 4º grupos e o Rel. Com. e serviços embarcariam na já referida carruagem que chegaria do Lobito, a qual ainda ali não se encontrava, e se veio a constatar cerca das 21H00 e às 22H00, já a companhia se encontrava embarcada.

Saída da companhia às 21H30 do dia 20 de Agosto de 1966 da sua base em LUMBALA, chegada ao local onde se pernolhou e perto do LINDANDO CAVANJA, cerca das 02H30 do dia 21. A companhia pernolhou até às 04H45, saída às 05H00 afim de se apanhar a mata que li até ao CAVANJA com dois trilhos de viaturas, a companhia por intermédio de guia apanhou o da esquerda que se afastava do objectivo. As 06H00 iniciou-se a marcha a pé tendo o 4º grupo montado imediatamente o P. I. no local. As 07H00 aparecem duas equipas P. I. pedindo deslocação de viaturas para a frente. Viaturas encontram o restante da companhia 10 km à frente, onde o quarto grupo monta nova P. I. O 2º grupo com guia desloca-se para a mata afim de destruir objectivo cerca das 08H00. Passados 20 minutos os 1º e o 3º grupos vão montar a emboscada na mata. As 08H45 as viaturas vão recolher o 2º grupo, que chegou cerca das 09H30. Recolhido este grupo, as viaturas seguiram e foram recuperar o restante pessoal emboscado. Neste local procedeu-se a um pequeno alto e cerca das 10H30 a companhia pôs-se novamente em marcha com destino ao pontão sobre o Lunhameji assinalado no croquis, ao qual chegou cerca das 14H00. Num pequeno alto (LINDANDO VELHO)

montou-se imediatamente o P.I. com as viaturas dispostas em círculo. Pelas 14H30 o primeiro grupo marchou com destino ao quilombo do LIVACHE, tendo regressado pelas 16H30 depois de terem destruído o quilombo. Depois de montado o sistema defensivo, a companhia pernitoit no P.I. Cerca das 03H15 um felino feriu gravemente o sargento Santos Pires, o qual depois de feitos os primeiros socorros, foi evacuado para a base. O primeiro grupo precedeu a evacuação, cerca das 03H45.

Pelas 06H00 (?) o segundo grupo iniciou uma batida pela margem esquerda do rio LUNHAMEJI enquanto o terceiro grupo saía 30 minutos após o segundo grupo, e iniciou a batida na margem direita do mesmo rio, juntando-se àquele depois. A hora da saída do segundo grupo com as suas equipas montou o sistema defensivo do P.I.

Os segundo e terceiro grupos chegaram ao P.I. pelas 10H30 e cerca das 11H30 a companhia iniciou o itinerário de regresso à base onde chegou às 17H30.

As 20H30 o sargento de operação e informação conduziu as velhas à companhia 1451 onde lhes foi efectuado um interrogatório sumário.

Dia 23 de Agosto - Terça feira
Companhia em descanso na base de LUMBALA.

Dia 24 de Agosto - Quarta feira.

Cerca das 08H30' chegou à base do sr. comandante do B. CAV. 1451 com comitiva e major do Q. O.

As 09H00 ida à companhia da LUMBALA NOVA, onde se procedeu a um briefing, da operação realizada por nós e outro acerca da EMBOSCADA SOFRIDA por um grupo daquela companhia na margem do rio LANJANHO. Falou-se do desenvolvimento da subversão, e o seu capitão Folques afirmou que nos devíamos antecipar aos turras pelo que seria de bater o terreno a sul do rio LUENA recolhendo os povos do ZAM, BEZE e procurando nestes qualquer informação. Disse que o efectivo da primeira companhia era pouco. Foi reforçado por um grupo da companhia do LUMBALA. Foi-lhe pedida a

recolha e destruição dos povos MWEMA e NHACATOA, com o fim de se cortar uma possível via de reabastecimento, a partir de MARCO I. Foi seguida e depois de tomadas as providências para a realização dessa operação às 11H30 seguiu em DO para CAZOMBO onde seria planeado com o comandante d. B. CAV. a operação primeiramente referida.

O segundo e terceiro grupos, incumbidos de concretizar a operação ao MARCO I iniciam os trabalhos de preparação para marchar às 23 H 00.

As 14 H 30, chegou o sr. alferes MAURICIO comandante do segundo grupo, explicou aos sargentos que tomavam parte na operação a missão e a forma de actuação.

Pelas 16 H 00 chegou à base, um rádio oriundo do comandante desta companhia em CAZOMBO determinando o cancelamento da operação com finalidade a uma outra.

Antes porém, às 13 H 30 o comandante da companhia do LUMBALA, sr. Capitão veio falar com os oficiais desta companhia informando da existência de um grupo D O, acerca ds 10 km da base.

Pelas 18 H 30, o segundo de combate em 3 viaturas dirigiu-se a CHILOMBO afim de recolher o comandante, em cumprimento da mensagem recebida que consta do respectivo arquivulo.

DIA 25 DE AGOSTO QUARTA-FEIRA.

Cerca das 01 H 00 o segundo grupo regressou à base, trazendo o comandante desta. Pelas 10 H 00 reunião com os oficiais e briefing.

26 DE AGOSTO SEXTA-FEIRA.

O início da operação anteriormente planeada deu-se neste dia um alvará às 05 H 30 passou formado as 06 H 00 e saiu da base de LUMBALA às 06 H 30. A companhia formada a 4 grupos de combate, 2 guias cipaios (ZEBEDEU E ROZINHO), cipaios partiram, e as autoridades administrativa, administrador do posto de LUMBALA, senhor MARQUES era transportado em 7 viaturas unimog e 2 viaturas pesadas Mercedes-Benz com a seguinte disposição: à frente o primeiro grupo de combate com uma viatura pesada MERCEDES, e

uma ININOG; a seguir a viatura UNIMOG do comandante da companhia de Comandos com a sua equipa; depois os segundo e terceiro grupos em quatro viaturas UNIMOG, e a fechar a coluna o quarto grupo com uma viatura MERCEDES carregada com material e combustível (2.000 litros de gasolina em 10 bidons) e uma viatura UNIMOG a qual encerrava a coluna. A autoridade administrativa seguia na sétima viatura.

A progressão da coluna foi morosa na medida em que o terreno se apresentava bastante arenoso o que motivava as viaturas seguirem sempre em segunda ou terceira. No entanto, nada houve de anormal.

Pelas 15 H 00 quando já se havia deixado a picada LUCUSE-LUMBALA, à cerca de 28 kms desta' em que a mata era do tipo arbusto, o inimigo iniciou o ataque, utilizando abrigos individuais, escondendo-se atrás das poucas árvores de maior porte. A oitava viatura que vinha relativamente atrasada da restante coluna, sofreu pela primeira vez uma acção de fogo por parte do inimigo. Este revelou-se do lado direito da picada, iniciando a emboscada com uma rajada curta de pistola metralhadora, seguida de três tiros de espingarda automática e grande profusão de rajadas daquela e destas, terminando com lançamento de uma granada de mão. Com a reacção das nossas tropas e depois de se ter batido o terreno calculou-se os TURRAS em seis elementos utilizando pistolas metralhadoras, espingardas automáticas e granadas de mão; que a emboscada foi feita a cerca de 20 metros da picada e que o inimigo retirou para a recatguarda da coluna. Não foram causadas baixas ao inimigo, mas as nossas tropas sofreram dois feridos ligeiros, o soldado n.226 SILVA com um tiro de pistola metralhadora a raspar as costas e o cabo 168 JOSE DUARTE TEIXEIRA com uma lesão no olho direito provocada pelo sopro da granada que o inimigo lançou. Mais constatou que o local (215530 123700) da acção dos TURRAS se encontrava à cerca de um quilómetro do quilombo SUANA MAONGO.

O 1o grupo que já aqui se encontrava iniciou um movimento

O 4 DE FEVEREIRO

Este ano, o 4 Fevereiro foi comemorado sob a divisa da luta generalizada. Depois, da intensificação da luta armada a que o MPLA procedeu durante os dois últimos anos passamos este ano à fase importante da generalização da luta armada a todo o território nacional.

Esta é a palavra de ordem que todo o POVO ANGOLANO esperava ansiosamente. O POVO ANGOLANO sabe agora que a sua organização de vanguarda é capaz de responsabilizar-se por este grande passo na conquista da independência. O POVO ANGOLANO DIZ QUE SEGUIRÁ A SUA ORGANIZAÇÃO DE VANGUARDA NO SENTIDO DA GENERALIZAÇÃO DA LUTA ARMADA.

Militantes do MPLA ! A responsabilidade da nossa organização, aumenta de

de dia para dia. É necessário corresponder ao que o POVO ANGOLANO espera de nós, porque os militantes do MPLA tem a capacidade suficiente para isso. Nenhuma razão outra que as próprias exigências da luta podem explicar a abstenção dos patriotas angolanos, sejam eles quais forem, seja qual for a sua situação social ou familiar, na acção armada e sangrenta contra o opressor colonialista.

As comemorações do 4 de fevereiro foram um exemplo da vitalidade da nossa organização, do seu prestígio em todo o mundo, da sua aceitação incondicional pelas massas e da certeza de que a vitória nos pertence.

Em Nambuangongo, no Nambove, no Moxico, no Cuando-Cubango, em todas as bases de guerrilheiros, celebraram-se sessões patrióticas comemorativas do 4 de Fevereiro. Nas fronteiras, especialmente entre os refugiados e nas bases de reabastecimento, realizaram-se desfiles com a participação das autoridades amigas.

Em Brazzaville, Alger, Cairo, Dar-es-Salam, Lusaka, Moscovo e outras capitais, realizaram-se sessões de apoio à nossa luta. Jornais e revistas de todo o mundo, referiram-se a este grande acontecimento, procurando encorajar os patriotas angolanos na sua justa luta.

Em Dolisie, realizou-se a ses-



O Presidente do Movimento, camarada Neto, v. l. r. em uma sanzala em companhia de alguns responsáveis.

são mais representativa, pois aí esteve presente o nosso camarada Agostinho Neto, Presidente do MPLA. Durante o grande desfile que aí se realizou, em que tomaram parte um grupo de pioneiros, uma secção de guerrilha feminina e uma bateria anti-aérea, falaram desta data o camarada presidente Agostinho Neto e o comissário do governo congo-

lês de Dolisie.

O nosso camarada presidente fez o bilan das nossas realizações, referiu-se a ajuda que nos é dada pelos países africanos pelos países socialistas e outros e apelou mais uma vez toda a organização e todo o povo angolano para o trabalho de generalização da luta armada em todo o território do nosso país.